



coleção PARLAMENTO

DICIONÁRIO DAS GRANDES FIGURAS EUROPEIAS

Coordenação
Isabel Baltazar e Alice Cunha



DICIONÁRIO DAS GRANDES FIGURAS EUROPEIAS

Coordenação
Isabel Baltazar
Alice Cunha



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

FICHA TÉCNICA

Título **Dicionário das Grandes Figuras Europeias**
Coordenação **Isabel Baltazar e Alice Cunha**

Edição **Assembleia da República – Divisão de Edições**
Revisão **Susana Oliveira**
Capa e design **Nuno Timóteo**

Paginação e pré-impressão **Mário Charola**
Impressão **Jorge Fernandes**
Tiragem **600 exemplares**

ISBN **978-972-556-711-1**
Depósito Legal **456 408/19**

Lisboa, maio de 2019
© Assembleia da República
Direitos reservados, nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2003, de 30 de julho.

www.parlamento.pt

A Assembleia da República agradece às instituições e particulares que cederam imagens.

ÍNDICE

Prefácios

Regina Bastos, Comissão Parlamentar de Assuntos Europeus	7
Ana Paula Zacarias, Secretária de Estados dos Assuntos Europeus	9

Prólogo

As Grandes Figuras da Construção Europeia, Alice Cunha.....	13
---	----

Introdução

A Herança das Grandes Figuras para o futuro da Construção Europeia, Isabel Baltazar.....	15
--	----

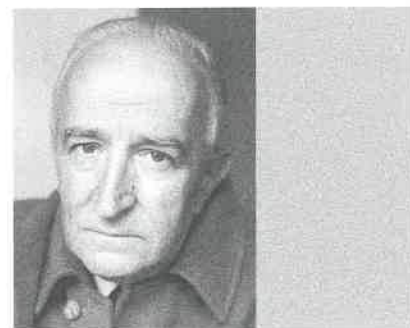
Entrada

Adenauer, Konrad	31
Álvares, Pedro.....	37
Antunes SJ, Manuel	39
Aron, Raymond	45
Bech, Joseph	51
Benda, Julien	57
Bevin, Ernest	61
Beyen, Johan Willem.....	65
Bichet, Robert	69
Bidault, Georges.....	73
Briand, Aristide.....	79
Brugmans, Henri.....	85
Calvet de Magalhães, José	91
Churchill, Winston	97
Colombo, Emilio.....	101
Corrêa d'Oliveira, José.....	105
Coudenhove-Kalergi, Richard.....	109
De Gasperi, Alcide	113
De Gaulle, Charles	117
De Rougemont, Denis.....	123
Delors, Jacques	129
Derrida, Jacques	135
Du Bois, Pierre	141
Einaudi, Luigi	145
Genschel, Hans Dietrich	151
Giscard d'Estaing, Valéry	157
González, Felipe	163
Guerra, Ruy Teixeira	169
Haas, Ernst B.	173
Habermas, Jürgen	177
Hallstein, Walter	183
Hugo, Victor	189
Jenkins, Roy	193
Kant, Immanuel	197
Karamanlis, Konstantin	203
Kissinger, Henry	207
Kohl, Helmut	211

Autor

Carlos Gaspar	31
Guilherme d'Oliveira Martins	37
José Eduardo Franco	39
Michel Renaud	45
Henrique Burnay e Margarida Malheiros	51
Isabel Camisão	57
Vicente de Paiva Brandão	61
Paulo Vila Maior	65
André Pereira Matos	69
Paulo Carvalho Vicente	73
Adriano Moreira	79
Maria Fernanda Enes	85
Isabel Maria Freitas Valente	91
João Carlos Espada	97
Vanda Figueiredo	101
Júlio Rodrigues da Silva	105
Maria Sousa Galito	109
Paulo Sande	113
Manuel Loff	117
Carlos E. Pacheco Amaral e Fábio Lourenço Vieira	123
Eduardo Paz Ferreira	129
Carlos Morujão	135
Luís Andrade	141
Gabriele De Angelis	145
Ana Paula Brandão	151
Manuel Porto	157
Antonio Muñoz Sánchez	163
Nuno Valério	169
Alice Cunha.....	173
Mendo Castro Henriques	177
José M. Magone	183
Cristina Robalo Cordeiro	189
Carlos Ribeiro Medeiros	193
Viriato Soromenho Marques	197
Cláudia Toriz Ramos	203
Elionora Cardoso	207
María de la Paz Pando Ballesteros e David Ramiro Troitiño	211

Lima, Sebastião de Magalhães	Teresa Nunes	217
Lopes, Ernâni Rodrigues	Eduardo Raúl Lopes Rodrigues	221
Lourenço, Eduardo	Maria Manuel Baptista e Dulce Martinho	225
Luns, Joseph	Sónia Ribeiro	229
Madariaga, Salvador de	Rui Aballe Vieira	233
Marc, Alexandre	Reinaldo Saraiva Hermenegildo	239
Marjolin, Robert	Luís Aguiar Santos	245
Marshall, George	Maria Fernanda Rollo	251
Mayrisch, Émile	José Tavares Castilho	257
Mazzini, Giuseppe	Maria Luísa Duarte	261
Medeiros Ferreira, José	Rui Tavares	265
Mitterrand, François	Álvaro Vasconcelos	271
Monnet, Jean	João Mota de Campos	277
Monteiro, Amaro do Sacramento	Rui Lourenço Amaral de Almeida	283
Morin, Edgar	Eduardo Ferraz da Rosa	289
Nietzsche, Friedrich	João Medina	295
Noël, Émile	Sandrina Antunes	299
Nunes, Manuel Jacinto	Pedro Emanuel Mendes	303
Ortega Y Gasset, José	Acílio da Silva Estanqueiro Rocha	307
Pescatore, Pierre	Francisco Pereira Coutinho	313
Pintasilgo, Maris de Lourdes	Marília Rosado Carrilho	317
Pires, Francisco Lucas	Edmundo Alves	321
Proudhon, Pierre-Joseph	José Gomes André	327
Ramadier, Paul	Clara Isabel Serrano	331
Reinold, Gonzague de	António Ventura	335
Retinger, Józef	Norberto Ferreira da Cunha	339
Reves, Emery	Ana Isabel Xavier	345
Rey, Jean	Manuel de Almeida Ribeiro	349
Rossi, Ernesto	Fernanda Neutel	353
Sá, Luís	Fátima Pacheco	357
Schmidt, Helmut	Ana Mónica Fonseca	361
Schuman, Robert	Rui Manuel Moura Ramos	365
Sforza, Carlo	Manuel Filipe Canaveira	371
Silva Lopes, José da	Vítor Magriço	375
Soares, Mário	Dina Sebastião	379
Spaak, Paul Henri	Teresa Ruel	385
Spinelli, Altiero	Cláudia de Castro Caldeirinha	389
Strauss, Franz Joseph	Sérgio Neto	393
Stresemann, Gustav	Eugénio Pereira Lucas	397
Thatcher, Margaret	António Horta Fernandes	403
Tindemans, Leo	Diogo Freitas do Amaral	409
Uri, Pierre	Paulo Alves Pardal	413
Valéry, Paul	Yvette Santos	419
Van Zeeland, Paul	António Covas	423
Vasconcelos, Irene de	Isabel Baltazar	429
Veil, Simone	Maria Teresa Santos	435
Weiss, Louise	Maria Manuela Tavares Ribeiro	441
Werner, Pierre	Miguel Rocha de Sousa	445
Índice remissivo		449
Créditos fotográficos		471



LOURENÇO, EDUARDO

Eduardo Lourenço, ensaísta e “filósofo da cultura” (BAPTISTA, *Paixão*, p. 25) português, beirão, começou a conhecer a Europa e o mundo em meados do século XX. Nascido, em 1923, junto à raia de Espanha, na aldeia de S. Pedro do Rio Seco, Almeida, no distrito da Guarda, depois de uma passagem pelo Colégio Militar (Lisboa), partiu cedo para Coimbra para se formar em Ciências Histórico-Filosóficas em 1946. Aí iniciaria uma carreira académica que o levaria, a partir de 1953, a ensinar em universidades diversas – Hamburgo, Heidelberg, Montpellier, Grenoble, Baía ...–, antes de, já nos anos 70, fixar residência em Vence, perto da Universidade de Nice, no sul de França, em cuja Faculdade de Letras e Ciências Sociais foi leitor, *maitre-assistant e maitre de conférences*.

Intelectual detentor de uma imensa cultura literária – mas não um *litterato* no estrito sentido académico –, reconhecido e premiado pensador e escritor de ideias, filósofo assistemático, crítico literário “heterodoxo”, Eduardo Lourenço assina uma obra ensaística pluriversa e abrangente onde, como num rio, confluem múltiplos temas e sentidos. Na verdade, o seu ensaísmo, bafejado por uma pulsão ficcional – críticos há, como Eduardo Prado Coelho, a considerar que *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1986), um dos seus títulos fundamentais, se oferece a ser lido como um romance –, move-se criativamente por diferentes territórios temáticos – História, política, arte(s), cultura, religião... E, assim, tomando a realidade em perspetivas inesperadas – como o são a maioria das epígrafes escolhidas como porta de entrada dos seus textos –, o discurso do escritor Eduardo Lourenço, com intensidade poética, espraia-se numa teia de metáforas e de alusões simbólico-mitológicas que, em diálogo com o leitor, exigem a constante construção/transposição de pontes entre diversas disciplinas.

Entretanto, o hermeneuta vai deixando pistas de reflexão obrigatória sobre tudo o que, como diz, por ser da essência da condição humana, inscrevendo-nos na temporalidade, nos faz estar no tempo, viver no tempo, como se o tempo, afinal, não existisse. E o mesmo acontece quando, seja na solicitação de centenas de conferências e colóquios em que vai intervindo, seja nas inúmeras entrevistas – quase tão incontáveis como os prefácios (con)cedidos –, a palavra é “falada”. Nada do que é político, social, cultural parece escapar às mil faces do seu olhar afinado pela lente diagnosticadora de um cosmopolita errante com o gosto natural pela viagem e amor incondicional pelo berço raiano: «Este é o país que é, é o meu país, e gosto muito dele. E, se não gostasse, seria o mesmo» (LOURENÇO, *Europeu Contra*, p. 23).

Numa viagem crítica e poética à roda do nosso “problema identitário”, Eduardo Lourenço conduz-nos por dentro do “ser português” até aos confins do que chama “visceral hiperidentidade”, essa espécie de comportamento compensatório que, não sem ironia, detetou e vem interrogando, pelo menos, desde *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português* (1978). Caminho problematizador da “existência portuguesa” em que Eduardo Lourenço foi tomando como guias (ou personagens) a poesia e a ficção dos nossos maiores escritores, com destaque para Camões, Vieira, Antero ou Pessoa, dos quais foi fazendo leituras inovadoras, sempre próprias, não raro polémicas.

O “seu” Portugal, que Eduardo Lourenço considera um país intrinsecamente europeu enquanto, aos portugueses, vê como europeus *à part entière* – “os europeus mais antigos que ninguém” –, destinados à Europa como única saída que a História lhes reservou. Talvez também por isso, a constância da sua atenção vai igualmente há décadas para a Europa, para toda a sua problemática histórica, política, ideológica ou para o que gosta de designar por “mitologia cultural europeia”. Veja-se que, já em 1988, Eduardo Lourenço foi distinguido com o Prémio Europeu de Ensaio Charles de Veillon, pelo conjunto da sua obra, é certo, mas, na circunstância, a propósito da sua coletânea *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, dada à estampa nesse ano. Bem mais recentes são as suas *Crónicas quase marcianas* (1993-2007) (recolha de 2016), ensaios de temática predominantemente europeia antes publicados na revista *Visão*.

Balizas de um extenso percurso editorial dedicado às complementaridades e diferenças internas no Velho Continente em que pontificam ainda as antologias – com os seus habituais títulos bipartidos – *A Europa Desencantada: Para uma Mitologia Europeia* (1994), com artigos escritos para jornais e revistas como *Público* e *Expresso*, e *L'Europe Introuvable. Jalons pour une Mythologie Européenne* (1991). Neste último, o seu livro sobre a “Europa Cultural” ou “cultura europeia”, em francês, Eduardo Lourenço deixava já clara a sua defesa da singularidade civilizacional e cultural da Europa como cimento identitário (quase) único de uma entidade “trágica” – porque utópica – onde, desde sempre, a cultura foi vivida como realidade autónoma ou não fosse a Europa o continente “inquieta”, o da problematização, da autocrítica, da Filosofia.

Seja a Europa “introuvable”, esteja o seu protagonismo planetário em regressão, ou apenas recue, por não avançar no seu processo de construção, mantém Eduardo Lourenço ao longo do seu percurso reflexivo de quase sete décadas, – mesmo escrevendo agora menos sobre “a Europa e o seu destino” – a firmeza de um assumido “europeísmo quase orgânico”. Assim, e sendo (re)conhecida a sua paixão pelos acontecimentos políticos contemporâneos, é rara a entrevista ou intervenção pública em que os “esplendores e misérias” do Velho Continente não acabem por, direta ou marginalmente, ser objeto da análise – agora, mais “desencantada” – daquele a quem a Europa “dói” – à maneira do outro grande ensaísta peninsular que foi Unamuno: «(...) de algum modo, a Europa me dói. (...) a Europa é um objeto de reflexão preocupada porque o que foi Europa, o que é Europa, o que pode ser a Europa traz essa marca interna de uma interpelação constante, aquilo que nós somos como seres humanos, aquilo que nós somos como projeto, aquilo que nós somos como destino» (LOURENÇO, *Introdução*, p. 207). “Dor” cuja origem poderemos fazer recuar, pelo menos, a 1949, data de publicação, na marcante coletânea *Heterodoxia I*, de “Europa ou o diálogo que

nos falta”, ensaio em que Eduardo Lourenço problematizava já a dimensão europeia que, ao tempo, nós, portugueses periféricos, não tínhamos, esquecidos aquém Pireneus de/por uma Europa mal saída do segundo conflito mundial, e que, assim, deve ser tido como o primeiro dos inúmeros textos e intervenções que o autor veio a dedicar à temática europeia.

Entretanto, foi o próprio devir desta “Europa de passo suspenso” (como lhe chama no artigo *O passo suspenso da Europa*, 2000) que fez com que esta área da reflexão crítica lourenciana evoluísse para uma problematização acerca da difícil construção europeia, apesar de Portugal já aí se encontrar incluído de corpo inteiro. E Eduardo Lourenço, sem rodeios ou complexos de inferioridade pátria, continuando a dar voz à sua “ideia de Europa”, tanto comentou a Europa “melancólica” dos anos 90, dilacerada entre a mundialização da economia e os diversos nacionalismos políticos nascentes ou ressurgentes, como discutiu as virtualidades do alargamento a leste ou do aprofundamento a Ocidente. Foi deixando claro, por exemplo, como, em seu entender, uma União Europeia que “rejeita” a Rússia com o seu pé na geografia europeia – “a pátria de Tolstói e Dostoiévski” – e admite que a Turquia, que encarna o “inimigo”, a não-Europa, pode fazer parte da “coisa europeia” só pode ser a evidência de que a Europa está a perder o seu sentido histórico. É que “a Europa não é o nome, a Europa é a sua própria História”, insiste numa entrevista recente (LOURENÇO, *Infinita*, p. 36). Aí se pronuncia largamente sobre as potencialidades e atavismos desta Europa *à la carte* que, sem um projeto à altura da utopia inicial, acaba a descontentar quase todos, com destaque para a França, o país onde foi “exilado voluntário”.

Ora, a França – a que sempre se refere com afeto crítico –, com a sua “universalidade congénita”, é para Eduardo Lourenço o país paradigmático da fundura da eterna crise europeia, porque, simultaneamente, seu centro e circunferência: «A razão profunda da crise francesa tem uma relação direta com a construção europeia. É a Europa – esta Europa que a França é, superlativamente – e não só a seus olhos – que interpela uma França que não só perdeu a sua quase mágica influência ideológica e por consequência cultural na mesma Europa – que desestabiliza a sociedade francesa (...), tentada por um multiculturalismo em forma de caos cultural, sem razão alguma em mil anos de História e tradição intelectual (...)» (LOURENÇO, *Quo*, p. 2).

Por isso, ao país de de Gaulle e à sua centralidade na questão europeia, foi dedicando Eduardo Lourenço inúmeras páginas do seu pensamento sobre a(s) “Europa(s)” que julga sem outro remédio que o de se “europeizar(em)” todos os dias. E, numa revisitação de alguns desses ensaios e intervenções (muitos deles incluídos em duas das antologias já referidas – *A Europa Desencantada: Para uma Mitologia Europeia* (1994) e *Crónicas quase marcianas* (1993–2007) –, bastarão os títulos (não raro duplos e/ou eles próprios disjuntivos) – para se perceber como o beirão, português, peninsular, europeu de condição, que tem o prazer de pensar e a paixão de compreender (BAPTISTA, 2003), nunca ignorou os momentos fundamentais da (des)construção da Europa que o ensaísta considera uma “Europa-Penélope” de quem cada um espera o máximo proveito com o mínimo investimento.

De tal, serão exemplos ilustrativos os textos “A derrocada da utopia” (1989), “A Europa desencantada ou o fim do sonho europeu?” (1992), “O reino dividido” (1993), “Da identidade europeia como labirinto” (2000), “A *Débâcle* Branca” (2005) ou

“Quo vadis Europa” (2005), escritos tendo como pano de fundo factos de dimensão europeia e planetária como o desmoronamento do Muro de Berlim e a subsequente implosão do Bloco de leste; a guerra nos Balcãs; o debate sobre a laicidade (ou laicização contínua e forçada) em França; o “não” gaulês à Constituição Europeia, com a referência (ou a sua falta) a Deus e à tradição cristã, entre outros.

Aí, sendo diversos os fios interpretativos, há um ponto de convergência: do lado de cá do Atlântico, a outrora superidentitária França, agora em crise de identidades, alimenta a “agonia” de uma Europa que, presa na mesma teia – seja por perda de coerência religiosa, por falta de uma língua partilhada ou de líderes de têmpera – parece reduzida a uma espécie de ficção identitária na ordem do cultural, com inscrição apenas no passado. Enquanto isso, dos Estados Unidos da América veio o futuro, como refere em *O Esplendor do Caos* (1998), uma espécie de *Disneylândia Cultural*, que instaura o que designa por um «(...) ateísmo universal, que permite que tenhamos coisas iguais aos habitantes da Coreia» (LOURENÇO, *Sou*, p. 54). De qualquer modo, Eduardo Lourenço nunca acreditou que a Europa se pudesse construir através de uma mobilização contra os Estados Unidos. É antes no aprofundamento do sentido histórico da Europa, no olhar de frente as suas diferenças e contradições, os seus dilemas e potencialidades, que ela se pode de novo reinvestir de sentido, para si própria quanto para os outros. Em suma, há uma Europa por inventar, a partir do que é, foi e pretende vir a ser no contexto mundial, desafio a ser levado a cabo e sem o qual o seu projeto e viabilidade futura podem estar comprometidos. Trata-se em boa verdade de uma Europa a fazer que, nos termos de Eduardo Lourenço, não pode deixar de convocar todos os europeus.

Maria Manuel Baptista e Dulce Martinho
Universidade de Aveiro

Referências

- LOURENÇO, Eduardo, “A Infinita Ilusão”, in *LER*, 2015, p. 31-41 (entrevista de Paulo Moura).
- LOURENÇO, Eduardo, “Sou um Português que Tudo tem em Nada – Eduardo Lourenço entrevistado por Clara Ferreira Alves”, in *Revista Única – Expresso*, 2009, p. 46-54 (entrevista de Clara Ferreira Alves).
- LOURENÇO, Eduardo, “Quo vadis Europa?”, Comunicação apresentada à Conferência Internacional de Lisboa, Lisboa, 5 de dezembro de /2005, disponível em <http://www.ieei.pt/index.php?article=2075&cvisual=5>.
- LOURENÇO, Eduardo, “Professor Eduardo Lourenço – Um Europeu contra as “Duas” Europas”, in *HOMEM Magazine*, n.º 182, XVI, maio de 2004, p. 15- 25 (entrevista de Fernando Correia de Oliveira).
- LOURENÇO, Eduardo, “Introdução e Comentários de Eduardo Lourenço ao Texto da sua Conferência ‘Os Jovens e a Europa do Futuro’”, I Encontro de Lisboa – Os Jovens e a Cultura na Europa do Futuro, Lisboa, Centro Nacional de Cultura e Instituto da Juventude, 1990, p. 207-212.